

MARDEL MORAIS TEIXEIRA

A SEGURANÇA DO TRABALHO APLICADA AO SURFE
PROFISSIONAL

São Paulo

2015

MARDEL MORAIS TEIXEIRA

A SEGURANÇA DO TRABALHO APLICADA AO SURFE
PROFISSIONAL

Monografia apresentada à Escola
Politécnica da Universidade de
São Paulo para a obtenção do
título de Especialista em
Engenharia de Segurança do
Trabalho

São Paulo
2015

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha família mais que especial essencialmente à minha esposa Sarah que desde que nos conhecemos sempre mostrou ser a parceira de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que sempre se mostraram orgulhosos pelos meus avanços, aos meus irmãos Márcio e Marcelo que me aconselham e me ajudam quando preciso e a todos os meus familiares, amigos pessoais e aos meus colegas de surfe de Natal e de Brasília (Da Figueira). E ao meu melhor amigo, Deus.

EPÍGRAFE

“Não é trágico morrer fazendo algo que quer”.

Mark Foo

RESUMO

Neste estudo, pretendeu-se analisar os principais aspectos de segurança ligados à prática do surfe. Tem em sua síntese uma abordagem inicial da prática do esporte ao buscar entender sua evolução. Abordou-se os principais pontos do quesito segurança no surfe, dos riscos envolvidos, lesões, acidentes e dos equipamentos de segurança. O objetivo principal deste trabalho foi apresentar um breve e atual panorama do surfe, vincular os dados obtidos pela pesquisa que possam evidenciar os riscos à segurança do profissional na prática de suas atividades e podendo assim ter uma melhor compreensão da maneira como o surfista encara a questão da segurança. Deve contribuir em conhecimento para a melhoria das condições adversas em que o profissional do surfe é submetido e somar para que outros estudos possam surgir e auxiliar na melhoria contínua das ações e na prevenção dos riscos envolvidos na profissionalização do surfe. A coleta de dados foi efetuada em formulário (questionário), para preenchimento tipo múltipla escolha, aplicado por meio de entrevista pessoal, sendo a amostragem aleatória e número definido de 100 indivíduos (surfistas). Os resultados mais expressivos foram: dos equipamentos de segurança mais utilizados, o protetor solar foi o que mais se destacou alcançando 47%, seguido do leash com 43%; durante a prática do surfe, 74% da amostra confirmou ter tido algum tipo de lesão; dos tipos de lesão os cortes foram os mais ocorrentes com 62%; 54% dos entrevistados nunca passou por alguma situação de risco de vida; 59%, usaria o capacete caso ele fosse confortável e não atrapalhasse o surfe; no desenvolvimento de doenças, 87% relataram terem tido problemas alérgicos de pele. Esta pesquisa buscou estabelecer alguns parâmetros para melhor compreender a questão da segurança na atividade dos praticantes e promissores atletas de surfe. Pôde acumular dados que possam ser utilizados para melhorar as condições e minimizar os riscos envolvidos à prática do esporte. Concluiu ainda ser interessante a implantação de um sistema nacional de controle das lesões, que contemple quantitativamente a incidência de lesões para o esporte (não somente para o surfe), detecte os eventos esportivos com maior potencial para acidentes, identifique as circunstâncias relacionadas ao acidente, estimule as pesquisas epidemiológicas para determinar fatores específicos para o controle e determine a eficácia dos programas de prevenção.

Palavras Chave: segurança do trabalho, surfe, riscos, equipamentos e lesões.

ABSTRACT

In this study, we sought to analyze the main security aspects of surfing. It has in their synthesis an initial approach to sport practice to seek to understand its evolution. It addressed the main points of the item security in surfing, the risks involved, injuries, accidents and safety equipment. The main objective of this work was to present a brief and current surfing panorama link the data obtained from the survey that may show the professional security risk in the practice of their activities and thus being able to have a better understanding of how the surfer sees the issue security. Should contribute knowledge to improve the harsh conditions in which the professional surfing is submitted and add to other studies that may arise and assist in the continuous improvement of the actions and to prevent the risks involved in professional surfing. Data collection was performed in form (questionnaire) for multiple-choice filling, applied by means of a personal interview, with random sampling and set number of 100 individuals (surfers). The most significant results were the most widely used safety equipment, sunscreen was what stood out reaching 47%, followed by the leash with 43%; during the practice of surfing, 74% of the sample confirmed to have had some kind of injury; lesion types of cuts were occurring over 62%; 54% of respondents have never experienced any life-threatening situation; 59% would use the helmet if he was comfortable and not get in the way surfing; the development of diseases, 87% reported having had allergic skin problems. This research sought to establish some parameters to better understand the issue of security in the activity of practitioners and promising surfing athletes. Could accumulate data that can be used to improve conditions and minimize the risks involved in sport. It has found it interesting the implementation of a national control system of the lesions, which quantitatively contemplate the incidence of injury to the sport (not just for surfing), detect sporting events with the greatest potential for accidents, identify the circumstances related to the accident, stimulate epidemiological research to determine specific factors for the control and determine the effectiveness of prevention.

Keywords: safety, surfing, risks, equipment and injuries.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pranchas peruanas de palha chamadas “Cavalo de Totorá”. Fonte: Surf e Coisas Afins.	11
Figura 2 - Evolução dos modelos das pranchas de surfe entre 1900 e 1992. Fonte: Árvore Surf.	14
Figura 3 - Manobras aéreas e inovadoras, riscos de lesões. Fonte: Globo Esporte.	23
Figura 4 - Cortes e escoriações com risco de danos permanentes, lesões comuns e frequentes. Fonte: Globo Esporte.	23
Figura 5 - Colisões e quedas graves com risco de vida. Fonte: UOL.	24
Figura 6 - Risco de ataque de tubarão. Fonte: IG Esporte.	24
Figura 7 - Lesões por ataque de tubarões em surfistas. Fonte: Brazil Australia.....	25
Figura 8 - Leash ou cordinha. Utilizada para unir a prancha ao surfista. Fonte: Surf and Surf.	25
Figura 9 - Protetor solar para o surfista e parafina para a prancha de surfe. Fonte: Surfer Magazine.	26
Figura 10 - Capacete de proteção para o surfe. Fonte: Cena Surf.....	26
Figura 11 - Colete salva-vidas inflável para prática do surfe. Fonte: UOL.	26
Figura 12 – Traje que previne ataque de tubarões durante o surfe. Fonte: BBC.	27

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Descrição da distribuição absoluta (n) e relativa (%) do tipo de lesão por região de ocorrência no corpo.....	21
Tabela 2 - Descrição da distribuição absoluta (n) e relativa (%) do tipo de lesão por agente etiológico...	22

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVO	15
1.2 JUSTIFICATIVA.....	15
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	17
2.1 PRINCIPAIS ATIVIDADES	17
2.2 ÁREAS DE ATUAÇÃO E ESPECIALIDADES	18
2.3 MERCADO DE TRABALHO	18
2.4 A PROFISSÃO DO SURFISTA	19
2.5 RISCOS E DANOS À SAÚDE	19
2.6 RISCOS E ACIDENTES CONSIDERADOS GRAVES	23
2.7 EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO ATUAIS	25
2.8 NOVIDADES.....	27
3. METODOLOGIA	28
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE A - FORMULÁRIO DE PESQUISA	47

1. INTRODUÇÃO

Desde que o primeiro humano decidiu nadar no oceano que o contato com as ondas existe. Apesar de não existirem fatos concretos no que a datas e locais diz respeito, é universalmente aceita a ideia que teria sido no Oceano Pacífico que o surfe nasceu. Alguns peruanos reclamam para si a gênese do surfe, afirmando que os primeiros habitantes daquele país terão sido os pioneiros, ao deslizarem nas ondas, usando uma espécie de prancha (Figura 1) feita de palha, quando voltavam de expedições de pesca, há cerca de 4000 anos.



Figura 1 - Pranchas peruanas de palha chamadas “Cavalo de Totorá”. Fonte: Surf e Coisas Afins.

É impossível e até desnecessário tentar detectar quem foram os primeiros homens a serem arremessados pelas ondas. No entanto, dada a importância e intensidade com que essa prática é realizada em algumas regiões do globo torna-se interessante para a compreensão do significado da representação do surfe para o ser humano primitivo, apreendermos as causas sociológicas e geográficas de sua origem e desenvolvimento na antiguidade (ARIAS, 2003).

Segundo Finney (1996) o surfe praticado em um “pedaço de madeira”, e não em canoas surgiu a mais de quatro mil anos atrás, quando habitantes do sudeste da Ásia começaram a estabelecer contato com o mar, movimentando-se em direção às ilhas que pontilham o sul do Oceano Pacífico. Para o pesquisador nessa época o surfe era uma diversão dominada pelas crianças

especialmente os garotos, além de ser utilizado pelos navegadores e pescadores para retornar à praia de forma mais rápida. Todavia, a origem da arte do surfe é geralmente atribuída aos polinésios. Surfar era uma parte fulcral da antiga cultura polinésia. O chefe de uma comunidade era sempre o mais habilidoso nas ondas, com a melhor prancha, feita da melhor árvore. As classes mais altas tinham acesso às melhores praias e às melhores pranchas, enquanto os plebeus não tinham acesso a certas praias. No entanto, mesmo as classes mais baixas podiam aspirar a ganhar esse acesso e prestígio, se demonstrassem habilidade para surfar.

Outro dado que oferece pouca discussão em relação à origem e evolução do surfe, prende-se ao fato de o Havaí ter se tornado desde cedo - e mantido - como o epicentro do surfe mundial. A população havaiana dominava com mestria a arte de estar de pé numa prancha há 1000 anos. Esta prática era comum e transversal a todas as classes sociais no Havaí. Os reis usavam pranchas 'olo' que chegava a medir quatro metros, enquanto os populares utilizavam as 'alaia', substancialmente menores. Em 1779 o mundo ocidental ouviu falar de surfe através dos diários do Tenente James King, que ia a bordo de uma expedição britânica liderada pelo famoso Capitão Kook. James King fez uma referência ao que apelidava de "exótico passatempo" dos locais no Havaí. Rapidamente os europeus começaram a usar o Havaí como ponto de apoio durante as travessias do Oceano Pacífico, o que levou em 1821 missionários Calvinistas da Grã Bretanha a chegarem ao Havaí para impor a sua religião e oprimir as ideologias das populações nativas. A prática do surfe era vista por estes missionários como imprópria e a mesma foi banida, o que quase levou à extinção desta tradição havaiana (FINNEY, 1996).

A ressurreição da cultura do surfe passou pelas mãos de dois homens: George Freeth e Duke Kahanamoku. George foi um dos primeiros 'beach boys' de Waikiki, um grupo que ainda praticava o até então raro esporte do surfe. Freeth conheceu em 1907 um escritor americano, Jack London, que rapidamente ficou fascinado com o esporte. O escritor publicaria um artigo sobre esta prática e tornaria célebre George Freeth. George mudava-se de armas e bagagens para

a Califórnia, onde demonstrava as suas habilidades em Venice Beach, onde ficou conhecido como o "homem que conseguia andar na água". É por isso justamente atribuído a Freeth o mérito de ter chamado a atenção dos americanos para o surfe. Mas quem levou o nome do surfe um pouco por todo mundo foi Duke Kahanamoku, que em 1912, em representação dos Estados Unidos, ganhou várias medalhas nos Jogos Olímpicos de 1912 em Estocolmo. A partir desse momento, Duke viajou pelo mundo como embaixador havaiano, e espalhou o espírito Aloha por todo o mundo, apresentando o surfe em países com a Austrália e a Nova Zelândia, que rapidamente abraçaram a modalidade. Um dos companheiros de Duke foi o californiano Tom Blake, também ele um dos pioneiros do surfe, ao organizar o primeiro campeonato de surfe do Pacífico, que ele próprio venceu (LORCH, 1980).

A origem do surfe é bastante incerta, porém indícios remetem o seu início a algumas ilhas do Pacífico, especificamente as da Polinésia central. A prática teria sido derivada da necessidade de sobrevivência: como uma das técnicas de sobrevivência era a pesca, os nativos utilizavam-se de um barco bastante tradicional. Para voltar à terra firme, eles deslizariam sobre as ondas para retornar com maior rapidez (MARCUS, 2007).

Essa prática teria se perpetuado até o Havaí, permanecendo restrita entre a realeza local. No contexto havaiano o surfe era praticado como ritual de oferenda, apresentando relações diretas com agradecimento pelos coqueiros e seus frutos. O modo pelo qual o surfe era praticado se dava de acordo com a estrutura hierárquica da sociedade: a posição em pé era permitida apenas aos reis e seus filhos, que surfavam em pranchas de aproximadamente dois metros de comprimento. Outras pessoas vinculadas à realeza podiam praticar o surfe, desde que em pranchas menores e que nunca ficassem em pé na prancha. Ao restante dos nativos era proibida a prática. Assim, o surfe ficou restrito às ilhas havaianas até o início do século XX. Sua divulgação se deu a partir do ex-nadador olímpico havaiano Kahanamoku, que sempre levava sua prancha para os lugares em que tinha competição (SOUZA, 2004).

Segundo a International Surfe Association – ISA, atualmente, o surfe tem um expressivo número de praticantes no Brasil, com aproximadamente 2,7 milhões de surfistas. A organização estima o impressionante número de 17 milhões de praticantes distribuídos por mais de 70 países e sua indústria move cerca de 2,5 milhões de dólares anuais. O Brasil, os Estados Unidos e a Austrália são as três maiores potências do surfe mundial. Embora seja um esporte de expressão, a literatura científica sobre essa modalidade é escassa, tendo apenas poucos autores e trabalhos nessa área.

O surfe evoluiu muito nos últimos 30 anos, as pranchas se tornaram mais velozes (Figura 02) e com melhor hidrodinâmica, o que propiciou maior diversidade de manobras, aumentando o desempenho e consequentemente o risco de lesões.

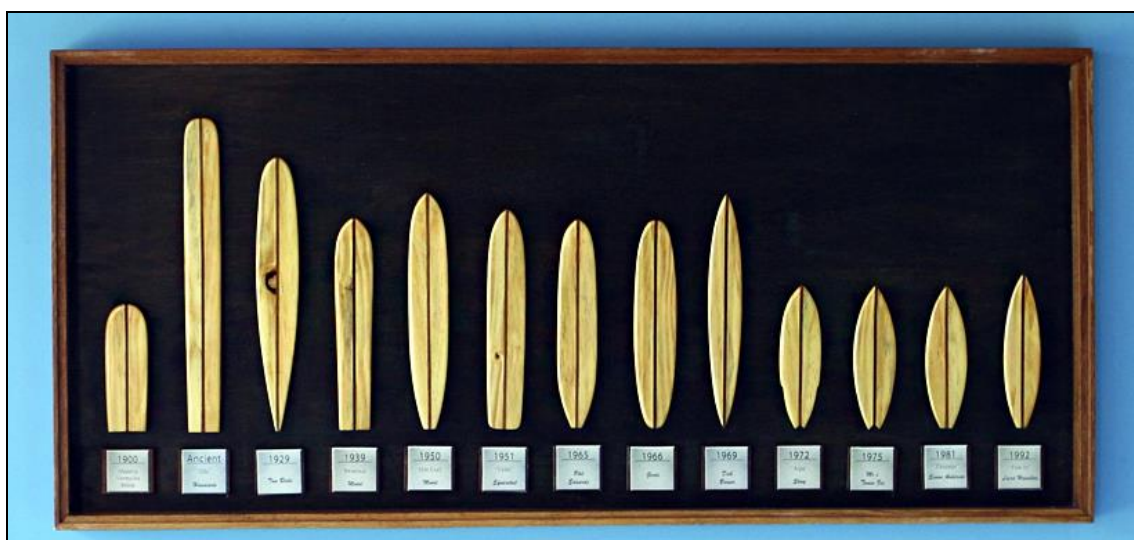


Figura 2 - Evolução dos modelos das pranchas de surfe entre 1900 e 1992. Fonte: Árvore Surf.

Nos dias atuais existem pessoas praticando o esporte em todos os tipos de ondas, locais e condições climáticas adversas, o que também implica riscos diferenciados para cada região.

Segundo Bitencourt et al. (2005), no Brasil, em sua face competitiva, o surfe também ocupa um lugar de destaque, contando com circuitos organizados em diversas esferas, desde circuitos colegiais, municipais, estaduais e nacionais,

até etapas dos circuitos WCT (*World Championship Tour*) e WQS (*World Qualifying Surfing*). Como todos os esportes de nível competitivo, a relação com a saúde pode ser comprometida. No surfe isso se deve principalmente à imprevisibilidade das manobras, contato com prancha, fundo do mar, envolvimento com a onda e excesso de treinos. No Brasil, existem poucos estudos publicados sobre lesões, efeitos nocivos à saúde e a segurança no surfe, porém com o crescimento do esporte esta tendência deve mudar.

1.1 OBJETIVO

O objetivo deste estudo é apresentar um breve e atual panorama do surfe como esporte de alto rendimento e vincular alguns dados obtidos pela pesquisa que possam evidenciar os riscos à segurança do profissional na prática de suas atividades e podendo assim ter uma melhor compreensão da maneira como o surfista encara a questão da segurança no seu dia a dia.

1.2 JUSTIFICATIVA

Tendo conhecimento do crescimento do surfe como esporte em ascendência e do aparecimento consistente e recente de ícones brasileiros nas divisões da elite mundial do surfe, nada mais importante que buscar conhecimentos no campo da preservação das condições físicas e de saúde para os profissionais da área.

O autor do presente trabalho, admirador do esporte e praticante amador há vários anos considera que a segurança do trabalho no surfe profissional tende a evoluir tendo em vista que a atividade considerada de risco como todo esporte de aventura afeta o bem estar, a saúde e a segurança dos profissionais envolvidos.

Desta forma, esta pesquisa se justifica, pois além de contribuir em conhecimento para a melhoria das condições adversas em que o profissional

do surfe é submetido, identifica alguns dos principais riscos envolvidos na atividade, como também busca compreender como o surfista vê a questão da segurança na sua rotina entre treinamentos e competições.

Possibilita ainda somar para que outros estudos possam surgir e auxiliar na melhoria contínua das ações que podem prevenir os problemas de saúde e os riscos envolvidos nas atividades relacionadas ao surfe profissional.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Considerando como definição geral, surfista é aquele que pratica o esporte conhecido como surfe, no qual a pessoa em pé, desliza sobre as ondas em cima de uma prancha. O surfista profissional faz do esporte um meio de vida, participando de competições e também dando aulas de surfe para iniciantes.

Para Funollet (1995), o surf pode ser examinado a partir de três elementos que o determinam, designadamente, o espaço da prática, o praticante e o equipamento utilizado. Portanto, o surf pode ser identificado como um esporte de caráter psicomotriz, realizado em meio líquido natural, onde o praticante desliza sobre uma superfície instável impulsionado pela energia gerada pelo próprio meio. Para se tornar um surfista é importante gostar de esportes e esforçar-se bastante em treinos diários e de preferência com professores especializados. Além disso, é interessante apresentar as seguintes características: boa saúde, equilíbrio, boa natação, afinidade com a água, disciplina, tranquilidade em momentos de perigo, dedicação, gosto pela natureza, alimentar-se bem e nutritivamente.

Como não existe lei que regulamente a profissão de surf até os dias de hoje, no Brasil, não há uma formação mínima necessária para a prática do esporte.

2.1 PRINCIPAIS ATIVIDADES

Treinamento sobre a prancha, na areia, treinamento na água, aquecimento em terra com exercícios conhecidos como "warm-up", aquecimento na água, por meio da natação, prática do surfe, propriamente dita, após os treinamentos e aquecimentos.

2.2 ÁREAS DE ATUAÇÃO E ESPECIALIDADES

O surfista pode atuar em escolas de surfe, dando aulas para aqueles que desejam ingressar no esporte como crianças, adolescentes e também adultos. Também, ele pode participar de competições de nível municipal, nacional ou até internacional, em cidades que sediam eventos de surfe, ganhando inclusive premiações financeiras aos mais bem preparados.

2.3 MERCADO DE TRABALHO

Segundo a Associação Brasileira de Surfe Profissional - ABRASP, com a popularização do esporte desde os anos de 1965, devido à criação da primeira entidade do surfe no país (a Federação Carioca), os campeonatos são cada vez mais profissionais e organizados e a remuneração, maior. Os mercados mais atrativos para um surfista profissional são o dos EUA - mais precisamente no estado do Hawaí, que concentra mais surfistas devido à altura das ondas e clima favorável, e também Austrália e Nova Zelândia. Nestes países, é comum e mais frequente a realização de torneios internacionais que selecionam os melhores surfistas, tornando-os mundialmente conhecidos e competitivos. No Brasil, as praias mais procuradas pelos surfistas, devido à altura das ondas, são: a Praia da Pipa, no Rio Grande do Norte, Itacoatiara e Macaé, no Espírito Santo, Praia da Joaquina e Praia do Rosa, em Santa Catarina, Maresias, em São Paulo, e as diversas praias do Rio de Janeiro, entre outras do extenso litoral brasileiro. Algumas das principais competições de surfe que ocorrem no litoral brasileiro são disputadas nestas praias que têm as maiores e melhores ondas para a prática do esporte. O Circuito Brasileiro de Surfe Profissional é um dos principais torneios que ocorre no país, reunindo profissionais em diversas cidades brasileiras e até outros países. Outras competições mais regionais, porém contando com surfistas conhecidos e experientes, também podem ser citadas, como o Billabong SC Surfing Games, que é um importante campeonato que acontece no litoral catarinense no final do ano, quando as ondas e temperatura do mar são as mais adequadas para a prática do esporte.

Também, o Circuito Maresia Brasileiro de Surfe, que acontece no litoral sul do Rio Grande do Norte, em praias como a Praia da Pipa, tem grande representatividade entre os profissionais do surfe no país.

2.4 A PROFISSÃO DO SURFISTA

Ainda segundo a ABRASP, considerando apenas a premiação dos campeonatos que fazem parte do circuito mundial da Associação dos Surfistas Profissionais (ASP), ou World Tour, como também é conhecido, só para entrar no mar, os surfistas da elite mundial já recebem quase R\$ 18 mil por evento e estas 11 etapas ocorrem todos os anos. Um surfista profissional considerado mediano tem rendimentos de cerca de R\$ 11 mil mensais. Se ele estiver entre os 36 melhores do mundo, espécie de Série A do surfe, as cifras são consideravelmente maiores. Adriano de Souza, atualmente 1º colocado no ranking mundial, teria um rendimento estimado em US\$ 38 mil (algo em torno de R\$ 84 mil) por mês, sem contar patrocínios indiretos e fornecimento de equipamento.

Contudo estes resultados somente são alcançados com muito esforço, treinos e dedicação, o que muitas vezes acaba por resultar em diversos sacrifícios, lesões, riscos e, sobretudo perigos inerentes à profissão.

2.5 RISCOS E DANOS À SAÚDE

De maneira geral, associa-se o surfe a um esporte de alto risco para acidentes, quando comparado com outros esportes, mesmo os ditos “radicais” (skate, windsurfe, paraquedismo, asa delta, parapente, canoagem, mergulho, roller blade e esqui na neve). Entretanto, ao comparar esportes de risco, a United States Consumer Product Safety Commission, em 1979, relatou enorme diferença entre a incidência de lesões no surfe (9.900) com as lesões no skateboard (137.900).

Das poucas publicações científicas que estudam o tema acidentes no surfe, merecem destaque os estudos australianos de Lowdon et al. que descrevem uma incidência de 3,5 acidentes de média a grave seriedade para cada 1.000 dias de prática do surfe recreacional, contra 4,0 acidentes para cada 1.000 dias de surfe competitivo. Esses estudos colocam o surfe como um esporte aquático relativamente seguro. Apesar do crescimento no número de praticante neste esporte, não existem informações precisas sobre as lesões esportivas nesse grupo, não havendo nenhum estudo científico nacional dedicado ao estudo da epidemiologia das lesões relacionadas à prática do surfe no Brasil (STEINMAN et al., 2000).

Estudos semelhantes ao de Steinman (2000) trazem resultados bastante satisfatórios para melhor compreender lesões e traumas ocorridos no surfe.

Segundo Steinman (2000), a maior parte da amostra em outros estudos provém dos Estados de São Paulo (21%), seguido de Santa Catarina (22%) e Rio de Janeiro (6%). Apesar disso, um número significativo da amostra provém da região Nordeste (44%).

Seu estudo indica que das 927 lesões relatadas, 82,6% foram de origem traumática e ocorreram durante o surfe recreacional. As lesões mais comuns foram as lacerações em 44%, as contusões em 16,9% e as lesões musculoligamentares em 15,5%. Apesar da predominância de lesões traumáticas neste estudo, registramos alta prevalência de dores lombares recorrentes (28,4%), dores no pescoço (27,3%), dores nos ombros (20,5%) e dores nos joelhos (12,5%). A colisão com a prancha foi relatada como causa de acidente em 35,9%; as quilhas (55,2%) e o bico (11,9%) foram as partes da prancha mais envolvidas.

As lesões ligamentares (28%), as fraturas (42,8%), as luxações (27,5%) e as hérnias de disco foram responsáveis pelo tempo de afastamento mais prolongado (acima de 30 dias). A maior concentração de acidentes se deu

durante o “free surf” (surfe recreacional) e se deve, muito provavelmente, às características desta amostra, composta por uma maioria de praticantes recreacionais e experientes ensaiando manobras velozes e por vezes perigosas.

Outro estudo pertinente foi realizado por Base et al. (2007), onde o objetivo foi verificar a ocorrência de lesões relatadas por surfistas profissionais brasileiros, integrantes do circuito brasileiro. Participaram do estudo 32 surfistas profissionais; cada participante respondeu a um questionário sobre as lesões que havia sofrido durante a prática do esporte. Foram encontradas 112 lesões entre todos os participantes do estudo. O ferimento corto-contuso foi a lesão de maior ocorrência, 38 (33,9%); seguido das entorses, 29 (25,9%); das contusões, 16 (14,2%); estiramentos musculares, 14 (12,5%); queimaduras, 9 (8,0%); fraturas, 6 (5,3%), conforme Tabela 1.

Tabela 1 - Descrição da distribuição absoluta (n) e relativa (%) do tipo de lesão por região de ocorrência no corpo.

	Cabeça	Tronco	Membros superiores	Membros inferiores	Total
Fratura	1 (4,3%)	1 (8,3%)	1 (7,7%)	3 (4,7%)	6 (5,4%)
Entorse	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	29 (45,3%)	29 (25,9%)
Estiramento	2 (8,7%)	4 (33,3%)	1 (7,7%)	7 (10,9%)	14 (12,5%)
Queimadura	0 (0,0%)	1 (8,3%)	5 (38,5%)	3 (4,7%)	9 (8,0%)
Corto-contuso	18 (78,3%)	1 (8,3%)	3 (23,1%)	16 (25,0%)	38 (33,9%)
Contusão	2 (8,7%)	5 (41,7%)	3 (23,1%)	6 (9,4%)	16 (14,3%)
Total	23 (20,7%)	12 (10,8%)	13 (11,7%)	64 (57,6%)	112 (100%)

Fonte: Base et al., 2007.

Quanto aos agentes causais, a prancha foi a maior responsável por ferimentos corto-contusos, 34 (64,2 %) e contusões com 13 (24,5%). A realização das manobras foi responsável por 25 (59,5%) das entorses e o fundo teve participação considerável no ferimento corto-contuso, 4 (50,0%) e nas contusões, 3 (37,5%), conforme descrito na Tabela 2.

Tabela 2 - Descrição da distribuição absoluta (n) e relativa (%) do tipo de lesão por agente etiológico.

	Prancha	Manobra	Fundo	Total
Fratura	2 (3,8%)	4 (9,5%)	0 (0,0%)	6 (5,8%)
Entorse	4 (7,5%)	25 (59,5%)	0 (0,0%)	29 (28,2%)
Estiramento muscular	0 (0,0%)	13 (31,0%)	1 (12,5%)	14 (13,6%)
Corto-contuso	34 (64,2%)	0 (0,0%)	4 (50,0%)	38 (36,9%)
Contusão	13 (24,5%)	0 (0,0%)	3 (37,5%)	16 (15,5%)
Total	53 (51,4%)	42 (40,7%)	8 (7,7%)	103 (100%)

Fonte: Base et al., 2007.

Dos agentes etiológicos, a prancha se mostrou a maior responsável pelas lesões (51,4%), sugerindo que isso ocorra pelo fato de o atleta estar muito suscetível ao contato direto com partes como bico, quilhas, rabeta e borda.

Esses valores mostram que é necessário investir em estudos para o desenvolvimento de melhores equipamentos de proteção. Entretanto, alguns estudos têm mostrado que há baixa aderência por parte dos surfistas para a utilização de tais equipamentos.

As manobras foram o segundo maior agente responsável pelas lesões, com 40,7%; isso ocorre, provavelmente, devido à necessidade de realizar manobras com movimentos rápidos e abruptos, de impacto como floater, tubo e manobras aéreas com giros combinados.

Esse tipo de manobras pode explicar, também, a alta prevalência de entorses de joelho (48,2%) e tornozelo (41,3%). Bondiolli (1999) encontrou em sua pesquisa, o floater e a batida como as manobras mais lesivas. Steinman (2000) encontrou o tubo, seguido da batida, floater e aéreo, como as manobras mais lesivas. Essas manobras exigem movimentos de rotação rápida do tronco e, como os membros inferiores estão em cadeia fechada, há um componente de rotação no joelho que pode exceder o limite fisiológico, predispondo às entorses nessa articulação.

O estudo de Base et al. (2007) concluiu que o índice de lesões dos atletas profissionais brasileiros entrevistados foi baixo e que a natureza das lesões foi essencialmente traumática, sobretudo nos membros inferiores e na cabeça, a prancha aparecendo como principal agente etiológico.

2.6 RISCOS E ACIDENTES CONSIDERADOS GRAVES

Alguns acidentes podem ter maior gravidade, estão relacionados a diversos fatores de risco que devem ser considerados durante a prática do surfe. As manobras radicais são um exemplo de riscos de lesões do tipo entorses, cortes e escoriações.



Figura 3 - Manobras aéreas e inovadoras, riscos de lesões. Fonte: Globo Esporte.



Figura 4 - Cortes e escoriações com risco de danos permanentes, lesões comuns e frequentes. Fonte: Globo Esporte.

As ondas grandes podem oferecer mais riscos de vida inclusive, por afogamento e fraturas graves. Além das quedas, o fundo normalmente é raso e formado por pedras e bancada de corais.



Figura 5 - Colisões e quedas graves com risco de vida. Fonte: UOL.

Outro fator de risco a se considerar é o ambiente marinho hostil, onde o surfista se expõe completamente ao ambiente. Os ataques de tubarão são sem dúvida os mais temidos entre os surfistas, pois podem ser fatais e apesar de não ocorrerem na frequência dos demais acidentes, costumam ser muito graves.



Figura 6 - Risco de ataque de tubarão. Fonte: IG Esporte.



Figura 7 - Lesões por ataque de tubarões em surfistas. Fonte: Brazil Australia.

2.7 EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO ATUAIS

Existem diversos equipamentos para a prática do surfe, muitos voltados à segurança. Dentre os mais comuns destacam-se o leash, o protetor solar, o capacete, a parafina e o colete salva-vidas.



Figura 8 - Leash ou cordinha. Utilizada para unir a prancha ao surfista. Fonte: Surf and Surf.



Figura 9 - Protetor solar para o surfista e parafina para a prancha de surfe. Fonte: Surfer Magazine.



Figura 10 - Capacete de proteção para o surfe. Fonte: Cena Surf.



Figura 11 - Colete salva-vidas inflável para prática do surfe. Fonte: UOL.

2.8 NOVIDADES

Como os riscos no surfe são intensos e variados, a necessidade de criar equipamentos que previnam acidentes e ajudam na segurança é substancial.

Sendo assim, diversos equipamentos vêm sendo desenvolvidos para ajudar nas situações de perigo, como o caso das roupas camufladas desenvolvidas por pesquisadores australianos. A pesquisa de Collin (2005) levou em conta novas descobertas científicas sobre as percepções de luz e o daltonismo dos tubarões. O objetivo do estudo era produzir uma roupa que pudesse camuflar o banhista dentro d'água.

Durante o experimento, os animais ignoraram os manequins vestidos com as roupas listradas, enquanto atacaram aqueles que usavam os tradicionais trajes pretos dos surfistas. Segundo o pesquisador, "muitos animais são repelidos por padrões listrados que indicam que a presa potencial não deve ser comida".



Figura 12 – Traje que previne ataque de tubarões durante o surfe. Fonte: BBC.

3. METODOLOGIA

A primeira etapa da metodologia deste estudo foi a realização de uma revisão da bibliografia sobre o tema segurança e a prática do surfe, incluindo os riscos mais comuns à saúde e à vida do praticante, equipamentos de proteção e a partir daí foi possível desenvolver um formulário de pesquisa que pudesse incrementar e aprofundar o nível de informações existentes sobre o caso.

Desta forma, foi elaborado um formulário (APÊNDICE A) tipo múltipla escolha, aplicado por meio de entrevista pessoal, sendo a amostragem aleatória e número definido de 100 indivíduos (surfistas). O formulário foi aplicado entre os dias 03 de dezembro de 2014 e 07 de fevereiro de 2015 nas cidades de Natal e Pipa no Estado do Rio Grande do Norte, mais precisamente nas praias de Ponta Negra, Tabatinga, Madeiro e Praia do Amor.

As perguntas foram ordenadas em número de 12 (doze), seguindo uma sequência lógica iniciando com perguntas simples e gerais e terminando com as mais difíceis e específicas, como é sugerido no trabalho de Mattar (1996). O questionário foi aplicado diretamente pelo pesquisador, que se limitou a perguntar e esclarecer eventuais dúvidas, sem interferir nas opiniões ou produzir respostas tendenciosas.

As perguntas foram: nome do entrevistado, o sexo, faixa etária, tempo de prática, equipamentos que o surfista considera como sendo de segurança, dentre eles, o mais utilizado, se sofreu algum tipo de lesão, qual o tipo de lesão, se já passou por alguma situação de risco de vida, se usaria capacete de proteção, se já teve a ideia para desenvolver algum equipamento de proteção e se já desenvolveu alguma doença durante o período em que pratica o surfe.

Após a aplicação do formulário, os dados foram compilados e analisados com o objetivo de melhor compreender o quesito segurança na prática do surfe e futuramente motivar a evolução do desenvolvimento de equipamentos que possam auxiliar na segurança dos profissionais e praticantes de forma geral.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados na pesquisa obtidos por meio do formulário aplicado encontram-se a seguir:

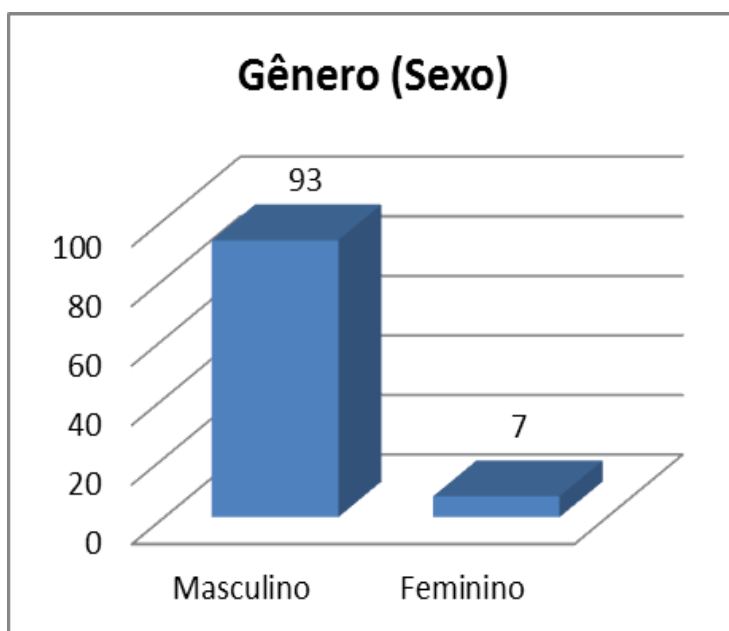


Gráfico 1 – Gênero dos surfistas entrevistados em porcentagem. Fonte: Arquivo pessoal.

Dentre os entrevistados avaliados, 93% são do sexo masculino e somente 7% do sexo feminino. O número de mulheres praticantes do surfe tem aumentado nos últimos anos, porém, a modalidade é praticamente dominada pelos homens. Apesar das mulheres enfrentarem o mesmo mar que os homens, elas têm menos espaço nos campeonatos, e ainda são minoria absoluta na prática do esporte e por enquanto, as mulheres surfistas ainda faturam bem menos que os homens, economicamente falando. Segundo dados do COI (Comitê Olímpico Internacional) e da ISA (International Surfing Association), estima-se que hoje são 35 milhões de surfistas no mundo sendo 81% de homens e 19% de mulheres.

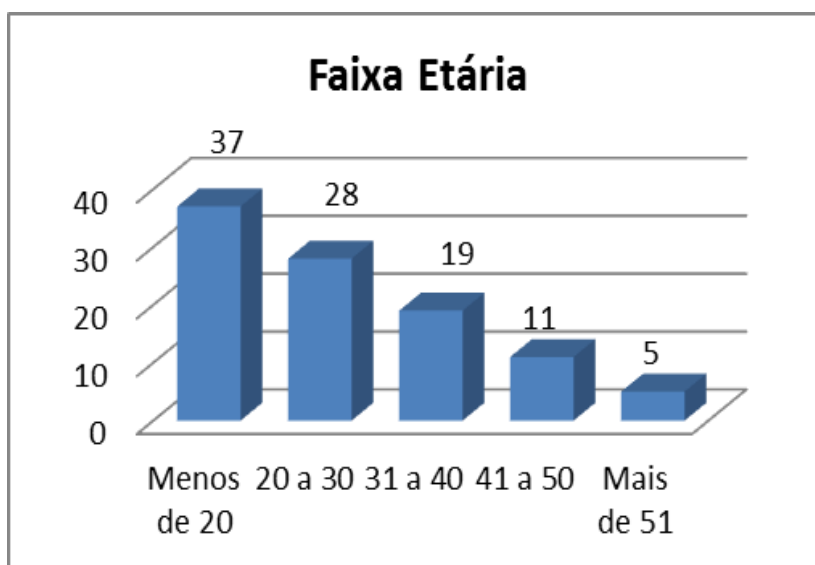


Gráfico 2 – Classes de faixa etária da amostra. Fonte: Arquivo pessoal.

A faixa etária do estudo indicou um número maior de jovens para a classe até 20 anos seguido por outra classe de 20 a 30 anos sendo que a maioria da amostra corresponde à praticantes até 40 anos. Segundo o COI (Comitê Olímpico Internacional) e a ISA (International Surfing Association), 60% dos 35 milhões de praticantes estão na faixa etária acima de 25 anos, restando crescentes 40% aos jovens dentro do grupo de 1 a 24.

A amostra neste estudo pode estar mais representativa para os jovens devido a maior disponibilidade de tempo livre para a prática da atividade, sendo os de idade mais avançada impedidos por motivos de trabalho ou outras responsabilidades. Ressalta-se que os levantamentos ocorreram em dias de semana também.

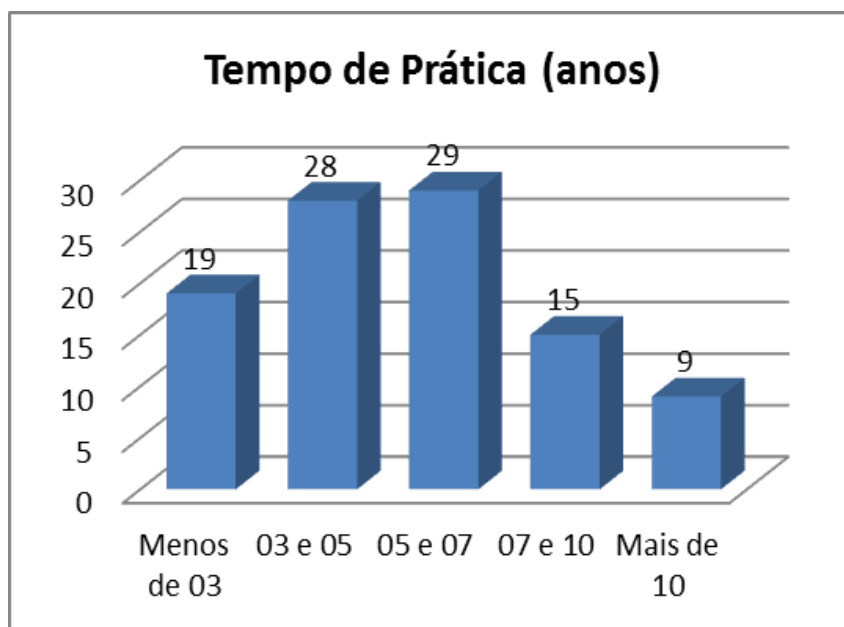


Gráfico 3 – Tempo de prática dos entrevistados. Fonte: Arquivo pessoal.

O levantamento de dados neste caso reflete a cultura do local, mais precisamente do Estado que possui atualmente 02 profissionais no circuito mundial, Jadson André e Ítalo Ferreira (17º colocados no ranking da WSL).

O Rio Grande do Norte, além de possuir características geográficas favoráveis ao surfe, detém diversos atletas com potencial para despontar nas competições nacionais e internacionais. É uma localidade que possui atletas iniciantes, intermediários e mais antigos praticando o surfe. Vale lembrar que o esporte requer bastante habilidade e dedicação, porém em 03 anos de treinamentos intensivos já é possível alcançar ótimos resultados.

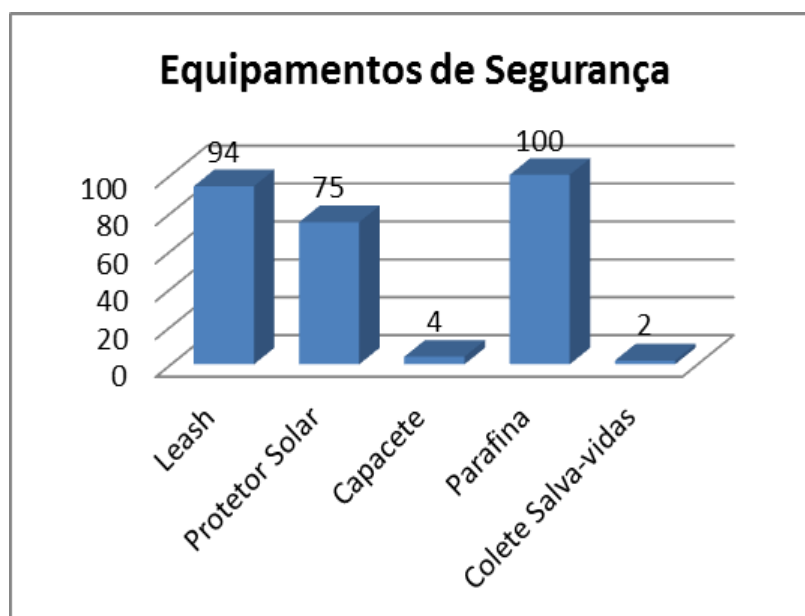


Gráfico 4 – Equipamentos que contribuem para segurança do surfista. Fonte: Arquivo pessoal.

Neste quesito, procurou deixar o entrevistado à vontade para identificar dentre os equipamentos mais comuns os que ele considera que contribua para sua segurança e o resultado foi o esperado, a parafina e o leash foram os destaques seguido de perto pelo protetor solar.

No caso de ondas pequenas talvez o *leash* não seja tão indispensável, tanto é que há surfistas mais experientes que não o utilizam, porém em ondas maiores, ele se torna mais necessário, mas não serve como garantia de uma segurança totalmente eficaz.

Quanto ao colete salva-vidas e o capacete, esses são menos utilizados na região do Rio Grande do Norte, pois não há ocorrência de ondas muito grandes frequentemente e ainda, estudos indicam que existe uma certa resistência ao uso de tais equipamentos no Brasil.

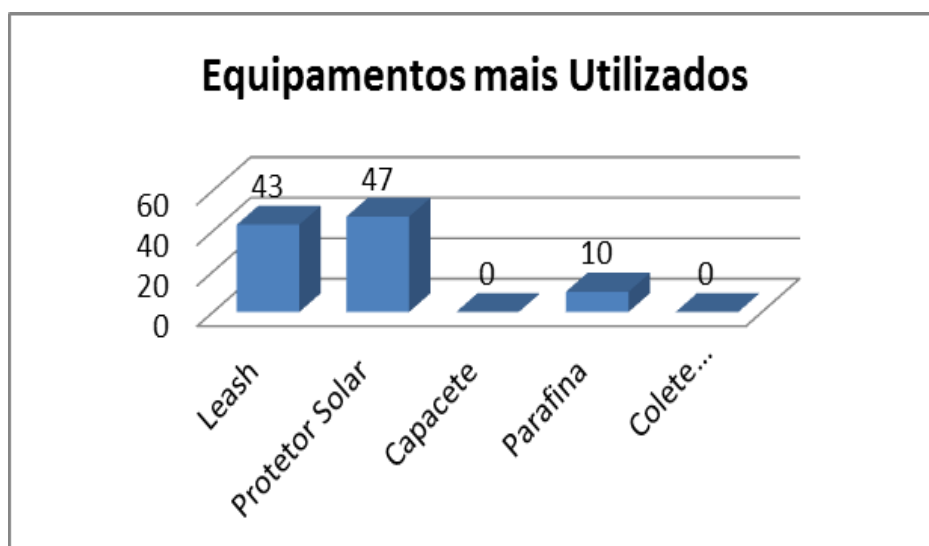


Gráfico 5 – Equipamento de segurança mais utilizado. Fonte: Arquivo pessoal.

Dos equipamentos de segurança mais comumente utilizados, o protetor solar foi o que mais se destacou alcançando 47%, seguido do leash com 43%. A parafina, apesar de ser avaliada como equipamento que muito contribui para a segurança, muitas vezes não é usada por faltar no momento da prática ou por ainda restar um pouco da utilizada na vez anterior.

Já o colete salva-vidas, os praticantes se mostraram pouco interessados no uso, relatam que não há muita necessidade pois o fundo geralmente é “*beach break*” e por não ter muitas pedras ou recifes de coral tornam-se obsoletos.

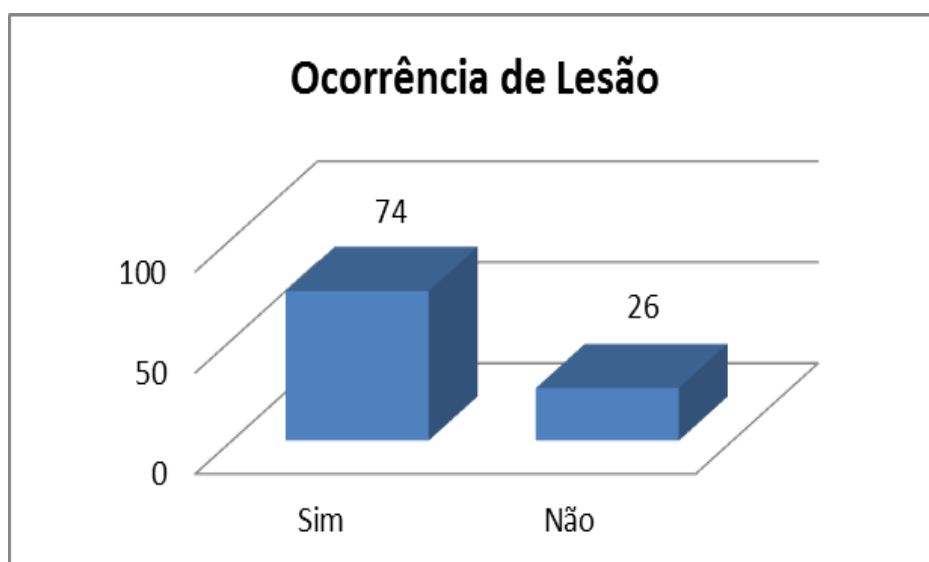


Gráfico 6 – Registro de ocorrência de lesão. Fonte: Arquivo pessoal.

Sobre a ocorrência de lesão durante a prática do surfe, 74% da amostra confirmou ter tido algum tipo de lesão. Ao analisar os dados, foi identificado que dos 26% que nunca sofreram lesão, a maioria está incluída naqueles que praticam a menos de 03 anos, sendo que grande parte das lesões ocorrem aos que têm mais experiência e que alcançam uma maior variedade de manobras ao longo dos anos. Apesar de alguns estudos como o de Base et al. concluírem que o índice de lesões dos atletas profissionais brasileiros é baixo, as lesões existem e devem ser consideradas, pois neste estudo representam 74% dos entrevistados.

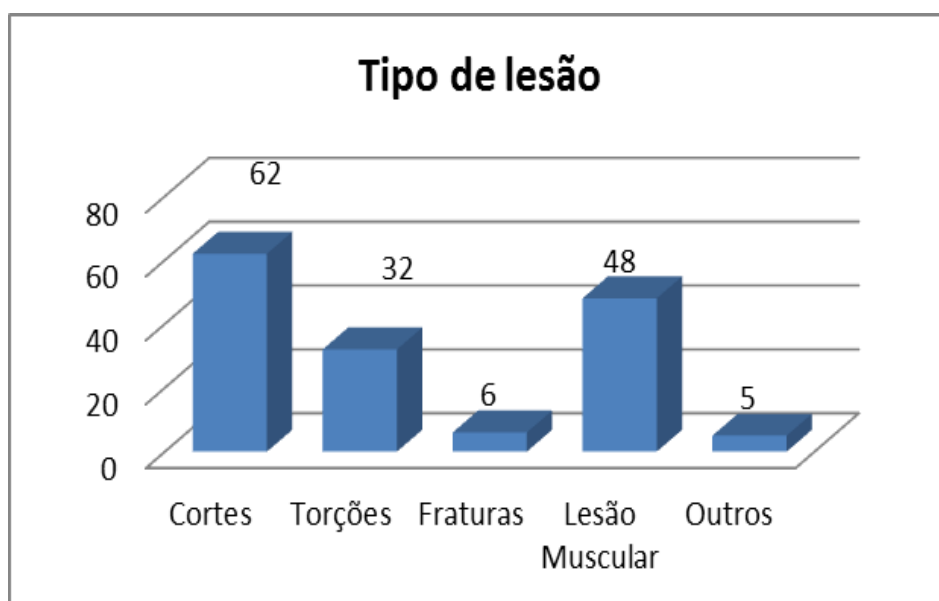


Gráfico 7 – Tipo de lesão sofrida e frequência aproximada. Fonte: Arquivo pessoal.

Quanto ao tipo de lesão, observou-se que os cortes foram os mais ocorrentes com 62% dos entrevistados tendo sofrido algum tipo de corte e neste quesito, apesar de não ter sido incluído, a frequência foi identificada e, mesmo que com pouca precisão, pois a maioria deles não lembrava com exatidão, porém pode-se afirmar que a frequência dos cortes é alta, principalmente naqueles surfista que atingem um bom desempenho nas manobras.

Outra incidência de lesão foi a muscular (48%), pois alguns atletas chegam a treinar horas por dia e como as condições de surf no Estado são muito constantes, chegam a surfar quase que todos os dias.

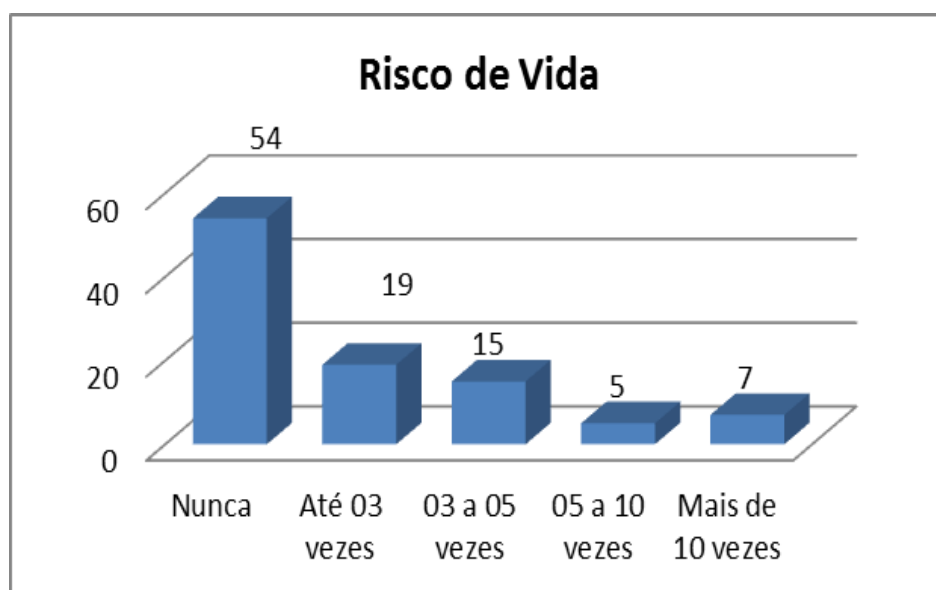


Gráfico 8 – Situação de risco de vida. Fonte: Arquivo pessoal.

Foi perguntado aos surfistas se durante a prática já tinha se deparado com alguma situação de risco de vida e a maioria (54%) nunca passou por tal situação, porém quase a metade (46%) já esteve diante de situações de risco, sendo a mais relatada a de afogamento.

No Brasil, situações que envolvem risco de vida são possíveis e já aconteceram inúmeras vezes chegando até à pior situação, a morte. Porém, ainda somos privilegiados em relação à outros lugares onde possuem ondas maiores, fundo de coral, e tubarões de espécies mais agressivas.

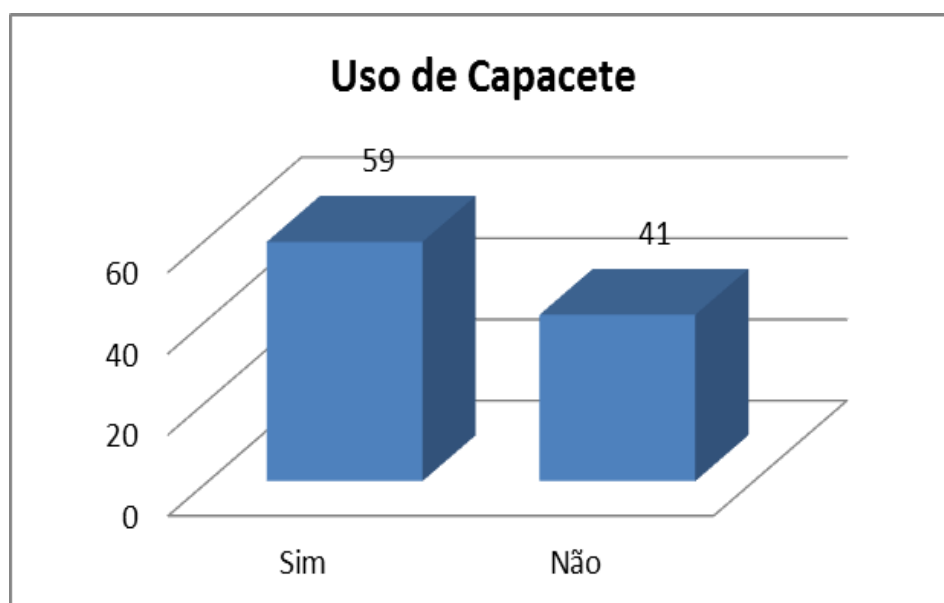


Gráfico 9 – Uso de capacete de proteção. Fonte: Arquivo pessoal.

O uso de capacete para o surfe vem sendo praticado em algumas situações pelo mundo, especialmente em locais onde a bancada é rasa e as ondas são pesadas e grandes. Na ocasião da pesquisa, o uso foi condicionado à situação de conforto durante a utilização do equipamento. A resposta foi equilibrada, porém a maioria dos surfistas (59%), usaria o capacete caso ele fosse confortável e não atrapalhasse a prática.

Existem diversos modelos de capacetes para o surf, projetado para alta performance, muito leves, ajustáveis, muito utilizado também para filmagens de GoPro e com proteção auricular removível. Porém, o preço ainda é elevado considerando a realidade do surfe, pode chegar a custar metade do valor da prancha.

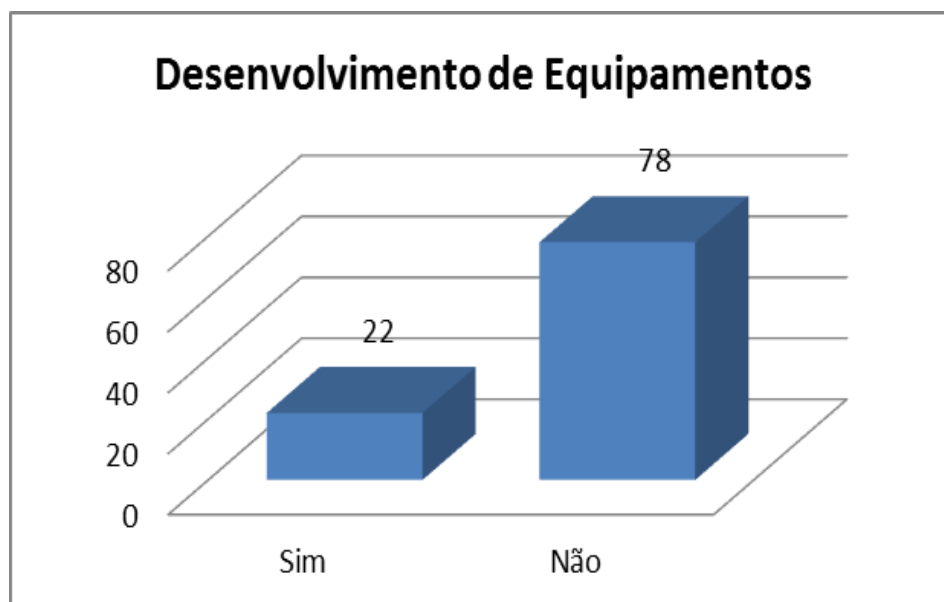


Gráfico 10 – Desenvolvimento de novos componentes de segurança. Fonte: Arquivo pessoal.

Este tópico foi abordado para verificar se o profissional ou o praticante está atento às situações de risco e até preocupado com o desenvolvimento de equipamentos de segurança.

Grande parte (78%) se mostrou indiferente com a situação da segurança, mesmo porque também é uma diversão para a maioria e pensar no pior não seria algo tão divertido.

Outros (22%) se interessaram sobre o assunto e chegaram a admitir que já imaginaram o desenvolvimento de equipamentos e até regras para o convívio seguro no mar.

Alguns equipamentos foram até pensados e sugeridos como o caso de joelheiras e tornozeleiras específicas que permitissem mobilidade na hora das manobras aéreas e segurança nas aterrissagens. Outras sugestões foram o

desenvolvimento de um equipamento para aderência que pudesse substituir a parafina e proporcionasse maior eficácia e uma lycra que flutuasse como o colete que já existe.

Os equipamentos estão surgindo a cada dia conforme a necessidade dos praticantes e serão sempre bem vindos, pois a segurança sempre será fator importante independente da atividade.

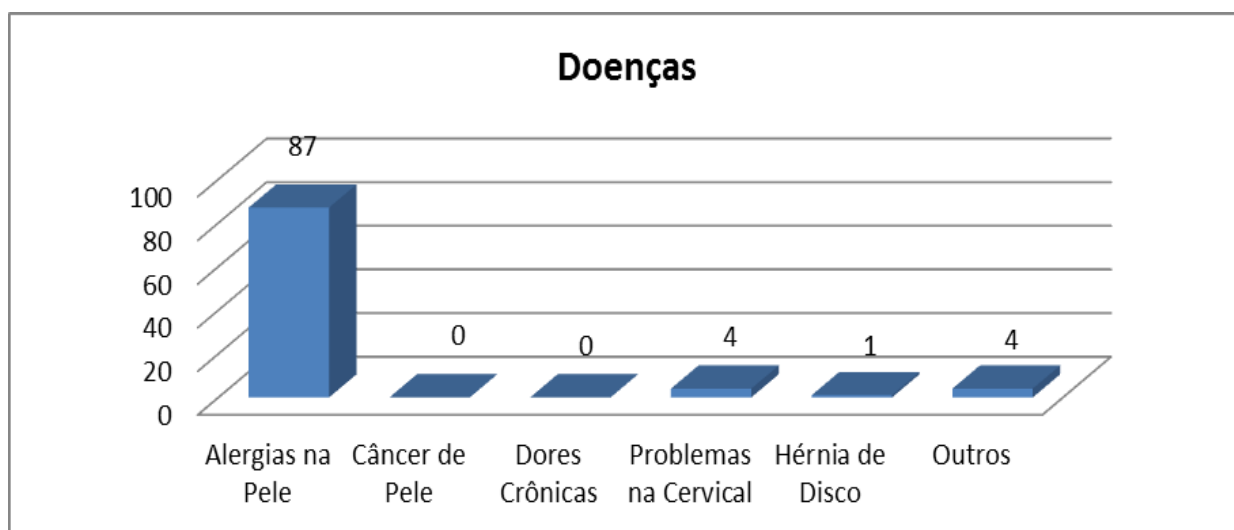


Gráfico 11 – Doenças associadas à atividade. Fonte: Arquivo pessoal.

Muitos dos entrevistados (87%) relataram terem tido problemas alérgicos de pele. Uma pequena parte, quase insignificante chegou a desenvolver doenças decorrentes da prática do surfe. Na busca de tentar explicar as causas para as alergias, logo se conclui pela má qualidade da água nas praias, principalmente porque nos dias chuvosos onde aumenta o fluxo de águas residuais em direção ao mar, coincidentemente, são os dias de chegada de ondulação ou de melhores condições para o surfe, seja pelo tamanho ou pela diminuição do vento o que favorece a formação das ondas.

Outros relatos também foram feitos sobre alergias nos olhos, gripes e problemas posturais, contudo não chegam a serem preocupantes.

4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados alcançados no trabalho, alguns aspectos merecem atenção especial. O crescimento da modalidade do surfe atualmente é assunto notório e por este motivo, com o aumento do número de praticantes, proporcionalmente cresce o número de eventos e riscos e consequentemente de acidentes. O alto índice de lesões podem ser fatores determinantes para o desenvolvimento dos equipamentos de segurança. Eles têm o papel de prevenir lesões e auxiliam na melhoria das condições de saúde dos praticantes. Esta pesquisa buscou estabelecer alguns parâmetros para melhor compreender a questão da segurança na atividade dos praticantes e promissores atletas de surfe. Pôde validar dados que possam ser utilizados para melhorar as condições e minimizar os riscos envolvidos à prática do surfe.

A mudança de paradigma é possível quando eventos ocorrem e as pessoas envolvidas podem repensar em maneiras e alternativas para mudanças. No fator segurança sempre vão ser necessárias mudanças para que o bem a ser protegido seja recurso humano ou não, alcance o melhor estágio de eficiência, bem estar e proteção.

Como para a maioria dos esportes no Brasil, no surfe também não existe um sistema de coleta de dados e informações sobre os acidentes. Para o devido controle e monitorização das lesões esportivas mais graves relacionadas à prática do surfe é aconselhável realizar estudos visando a implantação de um sistema nacional de controle das lesões, que contemple quantitativamente a incidência de lesões para o esporte (não somente para o surfe), detecte os eventos esportivos com maior potencial para acidentes, identifique as circunstâncias relacionadas ao acidente, estimule as pesquisas epidemiológicas para determinar fatores específicos para o controle e a prevenção e determine a eficácia dos programas de prevenção.

5. CONCLUSÃO

Conclui-se que o presente trabalho evidenciou alguns dos principais riscos à segurança do profissional do surfe no desempenho de suas atividades e conforme verificado nos resultados e discussões, os objetivos foram alcançados.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, M.M.; ALTAF, J.C.; FALCO, G.G. **O surfista e sua prancha: uma relação além da posse**. XII Semead. 2010.

ABRASP. **Associação Brasileira de Surf Profissional**. Disponível em: <<http://www.abrasp.com.br>> Acesso em 20 de março de 2015.

ALEXANDRE, F. **Dicionário do surf: a língua das ondas**. São Paulo. Cobra Coralina, 2004.

ARIAS, M.; ANDREATTA, R. São Paulo: **Surf Gênese - A história da evolução do surf**. 2003.

ÁRVORE SURF. **Pranchas Pioneiras**. Em 13 de novembro de 2013. Disponível em: <<https://arvoresurf.wordpress.com>>. Acesso em 14 de janeiro de 2015.

BASE, L. H.; ALVES, M. A. F.; MARTINS, E. O.; COSTA, R. F. da. **Lesões em surfistas profissionais**. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*. v. 13, nº 4, p. 251-253, 2007.

BRAZIL AUSTRALIA. **Surfista Sobrevive a Ataque de Tubarão na Austrália**. Em 22 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.brazilaustralia.com>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2015.

BRITISH BROADCASTING CORPORATION. **Australianos desenvolvem roupa que repele tubarões**. Em 19 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.bbc.com>>. Acesso em 25 de janeiro de 2015.

BITENCOURT V, AMORIM S, VIGNE JA, NAVARRO P. Surfe/Espportes radicais. In: Da Costa L. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005; 411-6.

BONDIOLLI EB. **Lesões no surf [Monografia]**. São Paulo: Universidade Bandeirantes, 1999, 56p.

CENA SURF. Evite a dor de cabeça. Em 25 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://www.cenasurf.com.br>>. Acesso em 17 de março de 2015.

CHALITA, M. A. **The surfer's imagery: an adventure in the sea**. Fiep Bulletin, v. 75, Special Edition, p. 29-31, 2005.

COLLIN, S. P.; WHITEHEAD, D. **Affects of shark repulsion devices in surfboards on large sharks**. Blue Pulse Technologies, Canada. 2005.

CUNHA, A. G. da; SOARES, R. A.; MAFRA JÚNIOR, H. **Análise da flexão da coluna durante a remada no surf**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, v. 13, nº 123, 2008.

ENTERTAINMENT AND SPORTS PROGRAMMING NETWORK. Bristol-CT. **Novo colete inflável promete diminuir riscos do big surf**. Em 18 de dezembro de 2012. Disponível em: <<http://espn.uol.com.br>>. Acesso em 11 de abril de 2015.

FINNEY, B.; HOUSTON, J.D. Surfing. **A history of ancient hawaiian sport**. Honolulu: Pomegrat artbooks, 1996.

FORTES, R. **Notas sobre surfe, mídia e história**. Recorde: Revista de História do Esporte, v. 1, nº 2, p. 1-15, 2008.

FUNOLLET, F. **Propuesta de clasificación de las actividades deportivas em el médio natural**. Apunts: Educación Física y Deportes. Barcelona, v.41, p.124-129, 1995.

GLOBO ESPORTE. Rio de Janeiro. **Australiano de 17 anos cria aéreo japonês**. Em 14 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2015.

GLOBO ESPORTE. Rio de Janeiro. **Havaiana leva 40 pontos no rosto após queda nas ondas de Teahupoo**. Em 05 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2015.

IG ESPORTE. São Paulo. **Surfista dá soco em tubarão para se livrar de ataque**. Disponível em: <<http://torcedores.com>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2015.

LORCH, C.K. Surfe: **Deslizando Sobre as Ondas**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1980.

LOWDON BJ, PATEMAN NA, PITMAN J. **Surfboard riding injuries**. Med J Aust 1983;2:613-6.

LOWDON BJ, PITMAN J, PATEMAN NA, ROSS K. **Injuries to international competitive surf board riders**. Sports Med Phys Fitness 1987;22:57-63.

LOWDON BJ. **Surfing injuries: immediate and long term problems and prevention**. Athletic Training 1984;19:105-8.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCUS, Ben: **A história das pranchas de surf**. São Paulo, 2007.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: edição compacta**. São Paulo: Atlas, 1996.

SOUZA, Rico de. **Boas Ondas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

STEINMAN J. **As lesões e os acidentes mais comuns no surf**. Revista Inside 1995;100, 26.

STEINMAN, J; VASCONCELLOS, E. H; RAMOS, R. M; NAHAS, M. V. **Epidemiologia dos acidentes no surfe no Brasil**, Rev. bras. med. esporte; 6(1):9-15, jan.-fev. 2000.

SURF AND SURF. **Leash ou Chop**. Disponível em: <<http://surfandsurfmaki.blogspot.com.br>>. Acesso em 07 de março de 2015.

SURF E COISAS AFINS. **A evolução das pranchas de surf**. Em 12 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://surfecoisasafins.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10 de fev de 2015.

SURFER MAGAZINE. San Clemente-CA. **The secret to aerial surfing may fit in the palm of your hand.** Em 06 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.surfermag.com>>. Acesso em 05 de março de 2015.

UNIVERSO ONLINE. São Paulo. **Jet ski descontrolado quase atropela surfista no Taiti.** Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br>>. Acesso em: 21 de janeiro de 2015.

WSL. **World Surf League.** Disponível em:<<http://www.worldsurfleague.com>> Acesso em 22 fev. 2015.

APÊNDICE A - FORMULÁRIO DE PESQUISA

Contexto: Este questionário é parte integrante de uma pesquisa científica para auxiliar a conclusão de um trabalho de monografia do curso de Engenharia de Segurança do Trabalho para a Universidade de São Paulo, que tem como tema: ***A Segurança do Trabalho aplicada ao Surfe Profissional.***

As informações deste questionário são confidenciais e a sua identificação é opcional.

1. **Nome:** _____ (opcional)

2. **Indique seu sexo:** ☐ Masculino ☐ Feminino

3. **Indique sua idade**

☐ Menos de 20 anos

☐ De 20 a 30 anos

☐ De 31 a 40 anos

☐ De 41 a 50 anos

☐ Mais de 51 anos

4. **Há quanto tempo você pratica o surfe?**

☐ Menos de 03 anos

☐ Entre 03 e 05 anos

☐ Entre 05 e 07 anos

☐ Entre 07 e 10 anos

☐ Mais de 10 anos

5. Quais equipamentos você considera que contribuem para a segurança do surfista?

☐ Leash

☐ Protetor Solar

☐ Capacete

☐ Parafina

☐ Colete Salva-vidas

6. Dentre os equipamentos da questão anterior, qual você mais utiliza?

☐ Leash

☐ Protetor Solar

☐ Capacete

☐ Parafina

☐ Colete Salva-vidas

7. Você já sofreu algum tipo de lesão durante a prática de surfe?

☐ Sim ☐ Não

8. Caso já tenha sofrido algum tipo de lesão, assinale qual o tipo de lesão e o número de vezes a que foi exposto: (Pode assinalar mais de uma alternativa)

☐ Cortes e/ou escoriações. Quantas vezes? _____

☐ Torções. Quantas vezes? _____

☐ Fraturas. Quantas vezes? _____

☐ Lesão muscular. Quantas vezes? _____

☐ Outros. Cite:_____. Quantas vezes? _____

9. Durante o surfe, você alguma vez se deparou com alguma situação de risco de vida?

☐ Nunca

☐ Até 03 vezes

☐ Entre 03 e 05 vezes

☐ Entre 05 e 10 vezes

☐ Mais de 10 vezes

10. Você usaria capacete de proteção caso ele não te incomodasse ou atrapalhasse durante o surfe?

☐ Sim

☐ Não

11. Você já pensou em algum equipamento que pudesse ser desenvolvido para a sua segurança durante a prática do surfe?

☐ Não.

☐ Sim. Qual? _____

12. Já desenvolveu alguma doença durante a prática do surfe?

☐ Alergias ou problemas de pele

☐ Câncer de pele

☐ Dores crônicas na lombar

☐ Problemas na cervical

☐ Hérnia de disco

☐ Outros. Cite: _____